



GILMAN, Charlotte Perkins. **O Papel de Parede Amarelo**. 3. ed. Trad. Diogo Henriques. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2017.

O PAPEL DE PAREDE AMARELO, DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN: UMA NARRATIVA SOBRE DOENÇAS MENTAIS E UM TRATADO QUE DIZ RESPEITO À MARGINALIZAÇÃO DA FIGURA FEMININA NO SÉCULO XXI

Stephanie Miranda dos Santos¹
Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
(stemisantos@gmail.com)

O Papel de Parede Amarelo (1892), de Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), é uma obra-prima da literatura feminina e do feminismo, pois apresenta uma forte narrativa sobre doenças mentais e um tratado que diz respeito à marginalização das mulheres do século XIX. Mesmo agora, partes do tema ecoam através de tempos de maneira tão pertinentes como eram então.

O enredo da história se dá a partir da lenta queda de uma jovem à psicose, a qual possui o que foi diagnosticado pelo seu marido de “uma depressão nervosa passageira – uma ligeira propensão à histeria” (GILMAN, 2017, p. 12). Em vista disso, ela foi colocada em um sótão de uma propriedade rural para descansar e se recuperar até que a sua condição nervosa melhorasse. No entanto, apesar dos melhores esforços da narradora com relação ao seu próprio autocuidado, o seu marido tratava os seus desejos com despreensão e a mantinha isolada do mundo.

Para entender melhor a narradora e as suas indagações, primeiro é preciso compreender o ponto de vista e as crenças sobre as mulheres durante o período de publicação do livro. Ao longo do século XIX, as mulheres que sofriam de mudanças de humor e outras emoções que eram tidas como “exageradas” para a sociedade da época, costumavam ser consideradas loucas ou possuíam depressão severa e deveriam ser tratadas com muito repouso e atividade restrita. Dessa maneira, no livro, é exatamente isso que a narradora é “aconselhada” a fazer: ficar em seu quarto, descansar e se manter decididamente proibida de escrever e manifestar os seus pensamentos. O pouco da sua expressão criativa que, antes de se casar, era mantida pelo seu diário, agora só era possível durante as raras vezes em que ela estava sozinha em seu quarto.

Assim, nos momentos em que a deixavam sozinha no sótão, ela ficou imersa em um papel de parede “amarelo enfumaçado e sujo, estranhamente desbotado pela luz

¹ Possui licenciatura plena em Letras-Português e Inglês pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Pós-graduanda em Metodologias do ensino da Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica pela Universidade Unopar.



do sol, em seu lento transladar. Em alguns pontos, é de um alaranjado pálido e desagradável; em outros, de um tom sulfuroso e enjoativo” (GILMAN, 2017, p. 17). Por esse motivo, ela parou de dar atenção às outras poucas atividades que o marido a deixava realizar, exceto para uma pequena janela que dava para o mundo do qual ela estava sendo mantida. Desse modo, a narradora, em sua solidão e ilusão forçada, começou a enxergar padrões no papel de parede.

À primeira vista, a protagonista observou um pescoço partido e dois olhos bulbosos que olhavam para ela em completa confusão (GILMAN, 2017), como se o que houvesse por trás do papel de parede estivesse tentando se comunicar com ela de alguma maneira. Mais tarde, essa figura foi reconhecida pela narradora como uma mulher que se rasteja e sacode o padrão externo, agora identificado por ela como grades. No caso, como apresenta Souza e Santos (2021, p. 93) “a mulher é uma prisioneira da sociedade; a protagonista, por sua vez, é essa mulher; logo, a protagonista é uma prisioneira da sociedade”, dando a entender que a protagonista e a figura que está presa no papel de parede são a representação da mesma mulher.

Com o passar do conto, é possível perceber que, assim como a narradora está escondendo o seu diário e os seus pensamentos mais íntimos do seu marido, a mulher por trás do papel de parede se esconde à luz do sol, mas se move sob o luar: “Durante o dia ela é discreta, calada. Imagino que seja o padrão o que a mantém tão quieta. É tão intrigante” (GILMAN, 2017, p. 25). Isso significa esconder a presença feminina, mas somente se expressar quando ninguém está olhando.

Conforme a história avança e a narradora fica ainda mais deprimida, ela começa a fazer planos para libertar a mulher. O seu objetivo é concluir o processo em apenas dois dias, que é a data prevista para a saída do casal da casa. Conseqüentemente, ela começa a puxar e a rasgar o papel de parede não apenas para libertar a mulher, mas também como uma forma de assumir o controle dos seus próprios atos. Alguns leitores podem pensar que ela enlouqueceu pelo papel de parede nesse momento, no entanto, é perceptível que o motivo de tudo isso é o de não se importar com o que o marido pensaria caso a encontrasse daquela maneira. Ela passou a seguir o que sente e a defender a sua própria liberdade a partir da mulher atrás do papel de parede.

No final do conto, toda essa psicose culmina com a protagonista encontrando a sua liberdade, ainda que por meio da loucura: “Finalmente consegui sair”, respondi, “apesar de você e de Jane! E arranquei a maior parte do papel então você não vai poder me colocar de volta!” (GILMAN, 2017, p. 69). Em um contexto geral, a consequência da sua luta interna por liberdade regenerou a sua condição mental e a levou a um episódio psicótico completo, tornando a propriedade de veraneio, lugar onde havia o papel de parede, a sua fonte de inspiração e refúgio; e a loucura, a sua fonte de liberdade.

Portanto, *O Papel de Parede Amarelo* é uma história sobre padrões escondidos sob padrões, onde os direitos das mulheres são identificados como uma expressão de si mesmas e silenciados pelo corpo social onde elas estão inseridas. Em certo sentido, o ser físico da narradora estava preso em seu quarto, contudo, o seu ser emocional estava preso pela incapacidade de escrever, trabalhar, cuidar do seu filho recém-nascido ou mesmo explicar a sua condição médica. Souza e Santos (2021) ainda



pontuam que, por a protagonista ter dado a luz ao seu filho recentemente, é possível que a sua condição mental tenha sido afetada por uma depressão pós-parto, o que explicaria os sentimentos de culpa e incapacidade que são expressados pela narradora no decorrer da história: “Eu queria tanto ajudar John, dar-lhe descanso e conforto, e aqui estou eu, pelo contrário, já transformada num fardo! Ninguém acreditaria quanto me custa fazer o pouco que consigo – vestir-me, receber visitas e governar a casa” (GILMAN, 2017, p. 10).

Esse é um livro destinado a todas as pessoas que desejam conhecer um pouco mais sobre Charlotte Perkins Gilman e a sua luta feminista pelos direitos das mulheres, visto que a história é uma ferramenta de ensino excepcional e, embora essa seja uma obra de ficção, esse cenário provavelmente se desenrolou para muitas mulheres como é apresentado pela obra. Colocando dessa maneira, pode parecer um pensamento assustador, mas *O Papel de Parede Amarelo* é um livro assustadoramente verídico.

Referências

GILMAN, Charlotte Perkins. **O Papel de Parede Amarelo**. 3. ed. Trad. Diogo Henriques. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2017.

SOUZA, Gustavo dos Santos. SANTOS, Stephanie Miranda dos. O Papel de Parede Amarelo: a obra literária enquanto estudo representativo da condição da mulher na história. In: Carlos Magno Naglis Vieira; Gustavo dos Santos Souza; Marco Aurélio de Almeida Soares. (Org). **Escritos na Diversidade: diálogos interculturais na educação**. 1. ed. Belém: RFB Editora, 2021, v. 1, p. 86-96. Disponível em: <<https://www.editoracientifica.org/books/isbn/978-65-5360-043-0>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

Recebido em: 12/02/2022
Aceito em: 07/11/2023